FARISAÍSMO DE LUXO

"*Cegueira, ambição de poder, avareza, crueldade, simulação e hipocrisia, desprezo pela verdade, manipulação da doutrina, manipulação das consciências, orgulho nacional doentio, soberba, malversação da Promessa, sequestro do messianismo.*
Isso é o farisaísmo."
(Eduardo B. M. Allegri, prólogo de *Cristo e os fariseus*,
do Padre Castellani)

"Mas aquele que odeia seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos."
(1Jo 2,11)

Enquanto redigíamos este escrito, tornou-se público um texto de S. E. Dom Tomás O.S.B. a respeito de um "dossiê" surgido de forma anônima e dedicado expressamente a destruir reputações. "Dossiê" que Dom Tomás reprova, como é devido. Nós nos propomos, neste escrito, mostrar que essa obra de demolição contra diversas pessoas não tem outro objetivo senão engrandecer a figura de quem se apresentaria como vítima inocente de uma suposta grande conspiração. No fundo de tudo isso encontra-se a obsessão do P. Nass de erigir-se em fundador de uma congregação religiosa, cujas características são muito semelhantes ao seu modelo inicial: Plinio Corrêa de Oliveira, a TFP e os Arautos do Evangelho.

Alguém perguntará: por que o Padre Nass não vai diretamente para os Arautos e encerra-se o assunto? Simplesmente por isto: porque sua ambição não lhe permite ser "apenas mais um" dessa agrupação nem de nenhuma outra. Ele precisa ser a cabeça, o supremo, o "Fundador".

Há provas disso? Evidentemente, não há uma declaração assinada pelo P. Nass afirmando essas coisas, mas sua maneira de impor esse estilo no

seminário é evidente. E sua fixação em ter sua "congregação" não vem do Céu.

Sem dúvida poderíamos falar do panfleto (preferimos não usar a palavra dossiê nem relatório, porque não é nada disso, mas sim um escrito deliberadamente feito para enlamear determinadas pessoas a partir de mentiras flagrantes) sem mencionar seu ideólogo; contudo, isso explica melhor sua existência e aquilo que ali se quer fazer passar por verdadeiro.

Por fim, fazemos o seguinte esclarecimento: buscamos estar em paz, mas numa paz verdadeira, que — como sabemos — é "a tranquilidade na ordem". Portanto, é preciso pôr ordem, e essa ordem significa colocar as coisas no lugar que lhes corresponde: a verdade de um lado, a mentira do outro, até onde nos permita o bom senso e saibamos evitar enganar a nós mesmos, Deus o permita.

Vitimismo pueril

O PANFLETO chamado *O CASO PADRE NASS: A VERDADE CONTRA A INFÂMIA*, que bem poderia chamar-se também "Resposta capciosa II", lançado de maneira covardemente anônima, mas cuja mente vingativa sabemos a quem pertence — a mesma que se deleitava em ordenar a seus seminaristas que manchassem as mãos de sangue no abate de cães para que lhe demonstrassem sua "virilidade" — não é outra coisa senão uma série de ataques a diversas pessoas, entre elas um bispo, três sacerdotes e a congregação sacerdotal que o acolheu, com a finalidade de fazer crer ao leitor incauto que o herói do filme, o ínclito Padre Nass — mencionado 27 vezes em 26 páginas do libelo — é vítima de um complô de gente ressentida e fracassada, perdedora e invejosa, que, movida por ódio pessoal ao grande apóstolo Padre Nass, manifesta em suas ações os ciúmes que sente pelo sucesso, pela popularidade e pela intrépida virtude do campeão da fé. Assim, esses personagens obscuros teriam conspirado — em combinação com bispos vindos do exterior e dezenas de fiéis do Brasil e do Paraguai — para tentar destruir impiedosamente o grande apóstolo Nass e, desse modo, "tomar a qualquer custo o Seminário do padre Deivid".

O que se diz: uma conspiração impressionante.

É claro que, para haver uma vítima exemplar, deve haver do outro lado um algoz à altura. Trata-se, portanto, de toda uma equipe de vitimizadores e carrascos cheios de ódio, algo assim como "A Liga do Mal". O vitimismo, neste caso, é sem dúvida exemplar e muito digno dos inimigos teológicos de Cristo…

O suposto ponto forte do libelo seria o apoio dado por Mons. Williamson, ao final de sua vida, ao Padre Nass e ao seu seminário, ilustrado por uma fotografia que encabeça o texto. Isso será visto mais adiante.

O panfleto promete oferecer ao leitor "a verdade contra a infâmia", mas faz exatamente o contrário: lança uma infâmia contra a verdade. Ou seja, é uma fraude do começo ao fim.

Se até aqui os nassistas tinham algum ponto de verossimilhança, cremos que com essa fantasia da "conjuração antideividiana" deram um tiro no próprio pé. A seita está pronta para mostrar-se totalmente a descoberto. E, como dizemos, ninguém se atreve a colocar seu nome e dar a cara por ela. Será que têm tão pouca estima por ela?

Anonimato cobarde

Dir-se-á que o agora famoso "Dossiê sobre o seminário do Padre Nass" tampouco era assinado, mas havia, evidentemente, uma diferença: o autor desse dossiê era conhecido por aqueles que o receberam, pois foi redigido para ser enviado única e exclusivamente a bispos e sacerdotes envolvidos no assunto ali tratado, que tinham em mãos a solução do problema. Em contrapartida, este panfleto não foi redigido expressamente para ser dirigido a qualquer autoridade, mas para ser lançado irresponsavelmente à "opinião pública" — coisa que seus autores criticaram no passado a respeito do dossiê sobre o seminário. Dois pesos e duas medidas.

É anônimo porque, basicamente, quem o engendra é covarde e jamais quer dar a cara para enfrentar os problemas. É anônimo porque os fariseus são valentes em grupo, mas covardes individualmente. Também sobre isso acrescentaremos algo mais adiante.

De todo modo, sabe-se que o autor intelectual é o P. Nass, pois ali se dizem coisas que só ele poderia saber; além disso, como administrador do

grupo de WhatsApp da Capela Coração Imaculado de Maria, ele o difunde e recebe aprovações (evidentemente, há capturas de tela que o comprovam).

O panfleto afirma logo no início:

"No início de 2023, Monsenhor Williamson foi alvo de uma ofensiva coordenada vinda do Brasil: uma enxurrada de denúncias — repetidas, insistentes e maliciosamente formuladas — lhe foram apresentadas por figuras que afirmavam que o padre Deivid Nass pretendia transformar o Seminário da Resistência em um braço dos Arautos do Evangelho ou da TFP."

Ora, as várias queixas que surgiram — em diversas capelas distantes entre si — não se referiam apenas a esse fato notório, mas também ao comportamento abusivo e autoritário do P. Nass — para além de sua simpatia contagiante com aqueles que queria como aliados, os mesmos que chegaram a gritar em alta voz "Viva o Padre Deivid!", quando o que se deve dizer é "Viva Jesus Cristo!" —.

Deve-se registrar que os fiéis têm o direito de protestar e manifestar sua preocupação quando veem que um sacerdote, ou quem quer que seja, não está agindo corretamente ou pretende impor um clericalismo doentio. E os fiéis que assim procedem não precisam necessariamente ter má intenção, nem se tornam automaticamente "inimigos"; pelo contrário, podem ajudar o próprio sacerdote. Mesmo que houvesse acusações injustas, o sacerdote poderia aprender a humilhar-se e, por meio dessa cruz, santificar-se.

Diz em seguida o pasquim que comentamos:

"Bombardeado por e-mails, Mons. Williamson encaminhou a Dom Tomás de Aquino uma mensagem datada de 7 de março de 2023 — hoje amplamente divulgada — que refletia não uma constatação pessoal, mas o peso dessa pressão artificialmente construída: padre Deivid seria, se tudo isso fosse verdade, um perigo real para o Mosteiro."

Também aí o escriba anônimo se equivoca: o e-mail foi enviado por Mons. Williamson a Mons. Faure, pois naquela época o P. Nass ainda pertencia à SAJM. E, como hoje se pode constatar com o caos desencadeado pela obsessão fundacional do P. Nass, o mosteiro está sendo sacudido por uma grande crise. Quem pode negar isso?

O método

Mas vejamos por um momento o *modus operandi* do panfleto, para perceber que, em vez de dedicar-se a refutar as dezenas de testemunhos (cada dia surgem mais) que condenam o P. Nass, o amanuense anônimo a seu serviço dedica-se a exaltar sua figura, contrastando-a com aqueles que seriam seus inimigos: sujeitos rancorosos, amargurados, vagabundos, ingratos, invejosos, corruptos, aproveitadores etc. Argumentos *ad hominem* baseados em mentiras. Cada linha destila um ódio doentio, próprio dos fariseus, aos quais — se Deus nos der forças — dedicaremos outro escrito além de mencioná-los no presente.

Sirva de exemplo o caso pessoal deste servidor para ver esse método de difamação utilizado. Quero deixar bem claro que não direi nada em minha própria defesa, porque não o necessito e creio em seguir esta consigna tão chestertoniana:

"A grande fortaleza da santidade cristã sempre foi que os piores inimigos dos santos não puderam dizer nada pior sobre eles do que aquilo que eles mesmos já disseram. Pode-se dizer quase qualquer coisa contra quem se elogia a si mesmo, mas um homem que se acusa a si próprio é invulnerável."

Se assim agiam os santos, sigamos seu exemplo! Ou pretendemos ser mais do que nosso divino Mestre? De modo algum. Os santos foram caluniados — e pelos próprios membros da Igreja: Santo Inácio, Santo Afonso, São Luís Maria, Padre Pio, Dom Orione, Mons. Lefebvre, Dom Putti, e uma longa lista. Nenhum deles saiu a armar escândalos, a reivindicar adesões midiáticas, a atacar furiosamente pessoas; nenhum lançou arroubos para todos os lados, como faz o supostamente caluniado P. Nass. Ressaltamos o "supostamente", porque o que se disse sobre ele é verdadeiro, e *sua reação é delatora de sua culpabilidade*.

Mas dizíamos que usaríamos apenas este exemplo para ilustrar o *modus operandi*: com o objetivo de "demonizar-me", já que não sou um adulador do P. Nass — e o P. Nass só aceita aduladores ou seguidores irrestritos — acusa-se-me de algo como usurpador de um cargo no seminário. Diz-se que passei um ano no seminário da França, quando foram dois, e omite-se o essencial: que tive de continuar fora por graves problemas de saúde. Diz-se que me arrogo o direito de ocupar o cargo de vice-reitor do seminário,

quando sou apenas um simples colaborador e jamais me arroguei coisa alguma; mais ainda: há poucos dias escrevi ao P. Trincado dizendo que, em caso de ausência do diretor do seminário, deveria haver outro sacerdote para substituí-lo, pois eu não posso assumir esse cargo. O P. Trincado pode comprovar isso. Como se vê, portanto, o panfleto recorre simplesmente a expedientes baixamente denegridores para colocar, diante do grande Padre Nass, figuras que seriam aproveitadoras e, no meu caso, alguém com "desejos e sentimentos obscuros", como ali se afirma. Caberia perguntar: como eu e tantas pessoas passamos a ter um ódio visceral contra o P. Nass? Como chegamos a ser tão malvados a ponto de não suportar um sacerdote santo, zeloso, fiel, combativo?… Ou será que não é bem assim e, antes, há um sujeito doente de narcisismo que não suporta ser confrontado?

Todos sabem que os judeus foram expulsos de todos os países da Europa, mas eles lançaram a narrativa de que o problema não eram eles, e sim o resto do mundo. Qualquer semelhança com a situação presente será mera coincidência?

Em todo caso, encontramos aqui mais uma das tantas contradições do panfleto: acusar nos outros aquilo de que se padece. Pois os jovens seminaristas do seminário do P. Nass estavam, na realidade, em um pseudo-seminário. Que experiência de seminário seria estar com um único sacerdote, que improvisa devoções conforme o humor, até esgotar os jovens por falta de sono, e os utiliza para filmar vídeos promocionais no Instagram ou os leva a uma infinidade de viagens? "Seminário" sem disciplina, com caprichos do "reitor" e ordens recebidas da família do "reitor"… sem falar do já mencionado: os abates de cães como método do Nass para "virilizar" seus jovens. E, o mais grave, fazer um seminarista cometer perjúrio.

Para não alongar excessivamente este documento, mencionarei apenas duas grandes mentiras (não exageros, mas invenções absolutas) a meu respeito, apenas para que se veja como atuam esse tipo de sujeitos inescrupulosos — mentiras que, por si sós, desacreditam todo o panfleto. Eis o parágrafo: "*Pobre padre Flávio… os dominicanos também disseram que ele não tinha vocação. Mas eis que, à força de insistência do próprio superior, padre René Trincado — e mesmo sem ter passado por um seminário regular — pronto: ordenado.*"

Ora bem: os dominicanos de Avrillé jamais disseram que este servidor não tinha vocação; pelo contrário: aquele que então era o Prior dos

Dominicanos, e que foi meu diretor espiritual no tempo do seminário, disse-me que eu tinha vocação. E a insistência e o apoio para minha ordenação não vieram apenas do P. Trincado (que não era "meu superior", como erroneamente se afirma), mas também de Mons. Faure e de Mons. Williamson.

Nós acrescentamos a cereja do bolo: quem, na verdade, pensava — sensatamente — que o jovem Deivid Nass não tinha vocação era… Mons. Williamson, e isso é sabido por muita gente.

Em seguida acrescenta-se, supostamente para "pregar o último prego", que minha ordenação "foi adiada pelos superiores por três anos". A realidade é outra: havia vários anos que queriam ordenar-me, e este servidor, não se sentindo ainda pronto para dar esse passo, pois minha saúde não estava bem, pediu que a ordenação fosse adiada mais de uma vez. Longe de querer arrogar-nos "fundadores" antes mesmo de sermos ordenados, como o famoso "apóstolo de Maria", aproximamo-nos do altar com temor e tremor — e isso todas as manhãs.

Não contamos essas coisas senão porque temos perfeito conhecimento de causa, e com isso pode-se comprovar o grau de malícia presente nos adeptos da seita do padre Nass.

Ponto final.

Outros casos

Uma vez já desmascaradas destacadas mentiras, não pretendemos ser totalmente exaustivos em nossa demonstração da malícia panfletária. Fala-se de Luigi Falcon e diz-se o seguinte: *"teria sido a ele quem Dom Faure confiou a confecção de um infame dossiê contra o Padre Deivid Nass, do qual posteriormente confessou sua autoria"*. Trata-se de uma acusação gravíssima contra Mons. Faure, que teria encarregado Luigi de elaborar um "dossiê infame". Muito pelo contrário, deve-se aplaudir seu ato de coragem ao redigir esse texto, que permitiu trazer à luz todo o estrago causado pelo P. Nass, dentro e fora do seminário.

Luigi teria sido quem definiu o *"plano maligno de assassinato da reputação do padre Deivid"*. Curioso, porque múltiplas queixas contra o P.

Nass, como já dissemos, surgiam aqui e ali, sem que se pudesse afirmar que fossem concertadas. Agora se pode dizer que o maquiavélico Luigi conseguiu inserir em seu plano malévolo até mesmo os bispos da SAJM, apenas para destruir a reputação de um sacerdote? Sem dúvida, esse rapaz é um gênio do mal…

Em seguida, o infame libelo fala com desprezo daqueles que seriam *"literalmente o resto do resto da tradição"*: Marcos e Francisco. Esse desprezo abominável também foi manifestado pelo P. Nass quando lançou um epíteto racista contra Marcos, por causa da cor de sua pele. Eis o famoso apóstolo com seu famoso zelo pelas almas… Insiste-se em atacar Marcos, dizendo que *"Não se sabe o que o animou a procurar o Mosteiro, mas seus atos e palavras demonstrarão o que de fato há em seu coração"*. Na verdade, o jovem Marcos teve a inteligência de perceber rapidamente o desastre que era o seminário do P. Nass e não quis tornar-se refém de uma seita; por isso, preferiu aproximar-se da SAJM. Aplicou-se seriamente ao trabalho e ao estudo, a fim de santificar-se.

O mesmo tratamento vil manifesta-se contra o Irmão Francisco, qualificado de *"irrelevante"*; mas, se o fosse, para que mencioná-lo no libelo? Acusado de ser comedor de pizza (!!!) e de odiar o P. Nass por ter sido recusado no seminário, acusa-se-o de *"espionagem"* (!!!), tudo por ter tirado algumas fotos com seu celular. Mas tirar fotos de pessoas em local público não é espionagem. E, graças à filmagem que ele fez dos seminaristas desordeiros que foram ameaçá-los a ele e aos demais na hospedaria, conta-se com um documento inestimável do descontrole nassista. Também se diz que o Irmão Francisco foi expulso do mosteiro: outra mentira, e já vão…

O agressor anônimo passa então a atacar o Padre René Trincado, apontando-o como membro de uma *"Congregação fracassada"*. É, sem dúvida, incrível a sanha que Nass e seus lacaios têm contra a única congregação secular da Resistência que segue as diretrizes de Mons. Lefebvre. Quando Nass estava na SAJM e quando dela saiu, jamais disse que pertencia ou que saía de uma congregação fracassada. E, se o fosse, ao menos é uma congregação existente, à qual ele deve sua formação para o sacerdócio — o que constitui um testemunho contra Nass, já que ele abandonou uma congregação e ficou à deriva, pois sua *"congregação mariana"* continua inexistente e jamais existirá, visto que os três bispos se recusaram a autorizá-

la… a não ser que ele desobedeça e vá ajoelhar-se diante de bispos sedevacantistas ou independentes, que não são precisamente da linha de Mons. Lefebvre, a quem ele diz seguir.

Interessante este parágrafo, por sua inconsistência: *"É sabido que o padre Trincado perseguiu intensamente o então seminarista Nass durante todo o seu período formativo"*. Ora, se isso fosse verdade, por que Deivid Nass escreveu ao P. Trincado, em 30 de agosto de 2022 — já sendo Nass sacerdote — o seguinte: *"Não quero que nada abale nossa amizade. Em união de orações"*? E por que Deivid Nass, durante sua permanência no seminário, presenteou o P. Trincado em seu aniversário com um cartão postal, no qual escreveu de próprio punho: *"Padre, nestes aniversários desejo que o senhor receba muitas graças de santidade! Seu filho esp. E siga com Santa Teresinha ajudando-nos a nos tornarmos grandes santos, se Deus quiser, santos sacerdotes"*? Curioso, não? Se o P. Trincado era seu implacável perseguidor e torturador, por que tamanha afeição, inclusive à distância e já tendo deixado o seminário? Ou tudo não passava de farsa?

Em seguida, o panfleto ataca a SAJM sem saber do que fala, apenas para continuar denegrindo uma obra que, evidentemente, não é perfeita, mas que procura seguir Mons. Lefebvre. Essa gente vê o cisco no olho alheio e não a trave no próprio. O que vimos no pseudo-seminário do P. Nass? Jovens doentes e perturbados, juramentos falsos diante do Sacrário, agressões a hóspedes do mosteiro, matanças de cães, etc.

O panfleto chega ao cúmulo do delírio ao afirmar que o P. Trincado perseguiria o P. Nass *"por inveja"* (Risum teneatis?). E ainda que Mons. Faure e Mons. Zendejas teriam sido manipulados pelo P. Trincado para pressionar Dom Tomás a remover a pobre vítima inocente e pura que seria o P. Nass… (Aqui soam os violinos).

Depois de atacar furiosamente a obra de Mons. Lefebvre, hoje na SAJM, o panfletário medroso critica o P. Calixto por afirmar que *"Pe. Nass não segue Dom Lefebvre"*, quando isso é obviamente a pura verdade. Inicia-se então uma série de ataques de cunho moral, quando vemos que Nass mentiu, ameaçou, apropriou-se de bens alheios, etc. Será que Nass é como Donald Trump, para quem a moral é apenas aquilo que lhe convém? O ápice disso é que Nass — por meio de seu amanuense — acusa o P. Calixto de espírito de insubordinação, quando toda esta crise da Resistência no Brasil se deve ao fato de que o P. Nass não quis renunciar à sua obsessão de fundar uma

congregação, apesar da negativa de três bispos e de uma multidão de sacerdotes!

Vem então, sem dúvida, o pior. O panfleto investe contra Mons. Faure, dizendo que *"Dom Faure é, certamente, mais vítima do que vilão"*. Ou seja, é vítima, mas também vilão.

Mons. Faure teria sido uma vítima pressionada a *"agir em prol do interesse de sacerdotes sem ideal e sem futuro brilhante"*. Fabuloso: o escrito é capaz de prever o futuro e saber o que acontecerá com esses sacerdotes *"sem ideal"* (soa aqui uma viola da gamba).

A ofensa a Mons. Faure não para aí: fala de *"sua triste congregação"*. Ora, o P. Nass jamais manifestou isso quando estava na SAJM; pelo contrário, passava o tempo cantando no seminário da França. Pois bem, que renegado acabou sendo o apóstolo de Vitória: um verdadeiro *"Garoto"* envenenado…

A obra de Mons. Lefebvre, pisoteada pelos nassistas

O panfleto acusa os "conspiradores" de combaterem o P. Nass porque ele teria o *"propósito de erigir um seminário inspirado no modelo de uma congregação como a Fraternidade São Pio X, tal como pensada por Monsenhor Marcel Lefebvre, adaptando-a a uma espiritualidade própria para o Brasil"*. Leia-se: no estilo teatral, afetado, pomposo e farisaico da TFP e dos Arautos.

Recordemos, ademais, que o P. Nass começou a praticar esse ato de subversão ainda pertencendo à SAJM. E que, por conta própria, redigiu estatutos próprios, muito mais extensos do que os de Mons. Lefebvre, os quais, sem a aprovação de Dom Tomás, entregou a alguns seminaristas selecionados.

Ora! Mons. Lefebvre foi o homem que a divina Providência suscitou para manter, em sua pureza, o sacerdócio e sustentar como bandeira a doutrina de Cristo Rei, erguendo a Santa Missa de sempre como arma de santificação e de combate. Durante quarenta anos, a congregação que fundou pôde manter-se em um mundo eclesial hostil, e, se começou a desviar-se, não foi por erros no que fora fundado por Lefebvre, mas pela infestação de liberalismo,

clericalismo e farisaísmo em suas fileiras. De tal modo que a SAJM foi formada para continuar a obra santa de Mons. Lefebvre. Mas isso não satisfez o P. Nass; pareceu-lhe que ele podia fazer as coisas melhor do que Mons. Lefebvre, ou que poderia conciliar Lefebvre com Plinio — o que é um disparate cósmico.

O acusador oculto afirma: *"Todos estes personagens, marcados por profundas contradições, esconderam-se sob o falso pretexto de fidelidade irrestrita a Dom Marcel Lefebvre: seus pensamentos, sua doutrina, seus costumes"*. Observe o leitor: acusa de esconder-se alguém que se esconde no anonimato. Bravo pela coerência!

Pois bem, quanto ao que ali se afirma: a SAJM, fundada por Mons. Faure, que esteve tão próximo de Mons. Lefebvre, sempre buscou uma fidelidade irrestrita, daí seus estatutos e regulamentos serem praticamente os mesmos da FSSPX.

Pergunta em seguida o autor oculto: *"Dom Lefebvre centralizava e uniformizava todas as congregações, institutos e ordens religiosas sob os costumes da Fraternidade São Pio X? Ou, como de fato fez ao longo de sua vida, permitia — e incentivava — que cada obra tivesse seu estilo próprio, desde que firmada em princípios sólidos?"*

A verdade é que, se um diácono, antes de ser ordenado, tivesse aparecido dizendo que queria abandonar a Fraternidade para fundar sua própria congregação, Mons. Lefebvre o teria expulsado a pontapés. Quando se viu algo assim na Fraternidade? Mons. Lefebvre respeitava as congregações religiosas históricas e já consolidadas; não incentivava aventuras tresloucadas de um jovenzinho sem qualquer experiência sacerdotal ou de vida. Um pouco de seriedade, pelo amor de Deus!

Dois pesos e duas medidas

Sigamos adiante e vejamos como podemos — mais uma vez — observar o uso conveniente de dois pesos e duas medidas, quando o panfleto afirma que Mons. Faure se deixou enredar na "condenação" do P. Nass devido à sua idade avançada. Mas o mesmo poderíamos afirmar de Mons. Williamson — que tinha idade ainda mais avançada e saúde mais debilitada — quando visitou, ao final de sua vida, o seminário do P. Nass.

Façamos aqui uma observação, para compreender o que sucedeu e se realmente pode considerar-se que o episódio envolvendo Mons. Williamson tenha sido um apoio deslumbrante ao seminário, como ali se pretende.

Quando o bispo inglês estava para chegar ao Brasil, o P. Nass pediu desesperadamente a Dom Tomás que não o deixasse entrar no país: tamanha era a sua paranoia (sabemos disso de fonte seguríssima, da mais alta fonte; não esqueçamos que estávamos morando no mosteiro). Nos dois ou três primeiros dias da permanência de Mons. Williamson no mosteiro, o P. Nass permaneceu escondido e não deu as caras (os nassistas são bons em brincar de esconde-esconde). Depois, tendo criado coragem, foi vê-lo no mosteiro e, durante a reunião, puderam ser ouvidos de fora do quarto os gritos do P. Nass dirigidos ao bispo — um bispo que, insistimos, encontrava-se em seu declínio final. Mas, após ter-se mostrado tão angustiado, o P. Nass decidiu recorrer à sua tática favorita, a mesma que utilizara com todos aqueles que queria conquistar para o seu lado (inclusive o P. Trincado!): a lisonja, a adulação, a bajulação.

Foi isso o que fez meticulosamente com o bispo inglês no seminário, e este, não querendo contrariar Dom Tomás, que parecia ver as coisas sob uma luz favorável (hoje, a força dos fatos e dos escândalos nassistas levou-o a perceber a realidade do que ali se passava), aceitou tal parecer. Mas é evidente que, em uma passagem tão fugaz, Mons. Williamson não poderia ter avaliado rigorosamente o funcionamento do seminário, nem tomado conhecimento de muitas coisas que viriam à tona posteriormente por meio de novos testemunhos; levou consigo apenas uma impressão superficial, em meio a um opulento desfile de toalhas ostentosas, louça fina, boa comida e uma acolhida esplendorosa. Mons. Williamson já não estava em condições de resolver conflitos e acabou reagindo como tantas vezes fizera, deixando-se guiar por um coração excessivamente inclinado à benignidade.

A propaganda nassista, mais uma vez, havia funcionado.

Mas o panfleto que aqui desmontamos quer nos fazer crer que, pelo fato de Mons. Williamson ter enviado uma doação, isso significaria que tudo ali funcionava maravilhosamente bem. Isso, na verdade, não prova absolutamente nada: muitas pessoas de boa vontade fizeram doações e depois se viram defraudadas por tudo o que vieram a saber. Ou acaso a existência de dinheiro em circulação, de suntuosos cenários teatrais, de muitos seminaristas com sotainas lustrosas, é sinal de boa saúde? Então tudo

se resume ao número, e não à virtude? Aplaudamos de pé a FSSPX, pois seus números são magníficos e dinheiro não lhe falta.

Diz ainda o incógnito nassista o seguinte: *"Após a divulgação pública desta visita e da referida aprovação, um fato eloquente selou, ao menos temporariamente, o desmascaramento da intriga: diversas pessoas que haviam acusado o padre Deivid dos supracitados desvios compareceram pessoalmente ao seminário para retratar-se de seu erro."* Não há qualquer notícia dessas supostas "retratações". Em contrapartida, recentemente, um ex-seminarista que havia apoiado o P. Nass teve o gesto nobre de retratar-se desse apoio, pois, graças a Deus, compreendeu a verdade da situação.

Hoje, já falecido, Mons. Williamson é vergonhosamente manipulado para tentar fazer crer que o bispo inglês apoiava o desvario nassista, pretendendo assim colocar sua autoridade acima da autoridade atual dos três bispos e até mesmo de Dom Tomás, que tomou uma medida disciplinar que o P. Nass se recusa a admitir como justa, e que boicota levando consigo seminaristas que continuam usando a sotaina — não se sabe bem por quê — , já que não pertencem a nenhuma congregação.

Passemos ao ponto seguinte.

Covardia farisaica

Permita-se-me agora confrontar uma crítica feita a este servo nos seguintes termos:

"A comparação implícita não é inocente nem casual: ao recorrer a uma analogia politizada, caricatural e carregada de conotações negativas, o autor abandona qualquer pretensão de seriedade e revela a intenção de ridicularizar, desumanizar e moralmente rebaixar o sacerdote visado…".

Será preciso que nos perdoem, mas nos é muito difícil não recorrer à ironia, a qual nos serve para aplainar a indignação — e a tristeza — que sentimos diante de um sacerdote hipócrita que pretende passar nas redes sociais por valente, quando na realidade é um grandioso pusilânime. Não podemos rebaixar moralmente alguém que a si mesmo já se rebaixou. O que

fazemos é simplesmente expor a verdade, diante do perigo que representa, por causa da publicidade enganosa que utiliza.

Vamos apresentar duas provas disso. Quando chegou o momento da minha ordenação sacerdotal, o P. Nass, sabendo que o P. Trincado viria como convidado, fugiu apavorado, apesar de tanto este servo quanto Dom Tomás e outros amigos lhe terem pedido insistentemente que estivesse presente em tão importante ocasião. Contudo, o P. Nass arranjou uma desculpa para escapar a centenas de quilômetros de distância, a fim de não enfrentar esse medo. Do mesmo modo, quando recentemente vieram ao Brasil os dois bispos da SAJM, o P. Nass, podendo ir falar com eles individualmente — pois estava em seu direito e ninguém o impedia —, decidiu também fugir para bem longe. E aqui note-se a grande mentira afirmada pelo panfleto que estamos analisando:

"*À semelhança do que fizeram com Nosso Senhor Jesus Cristo, fabricaram-se provas, incitaram-se falsas testemunhas, espalhou-se o alarde, e por fim, sem misericórdia, sentenciou-se o inocente — sem ouvi-lo, sem consultá-lo, sem lhe conceder o direito mais elementar de defesa."*

Como explicamos, o P. Nass gozava, diante dos bispos, de pleno direito de defesa; os bispos estavam dispostos a ouvi-lo; no entanto, ele preferiu fugir… como costumam fazer os culpados. Ou os covardes. O comentário que citamos, ao contrário, acusa implicitamente os três bispos de não lhe terem concedido o direito de defesa e de terem sido injustos com o P. Nass. E ainda afirma que teriam sido incitadas falsas testemunhas. Pois que diga quais foram, que apresente uma única prova dessa difamação.

É preciso dizer algo mais?

E o que pensar quando um pai, preocupado porque seu filho jovem, dentro da "seita" nassista, havia mudado completamente sua atitude em relação à família e adoecido, o P. Nass se recusou a falar com esse pai e, em vez disso, fez com que seu próprio pai falasse com aquele homem, tratando-o com palavras duras e desconsideradas?

Mas não: como vimos, a esse libelo anônimo sobram mentiras e falta confessar a verdade. Atiram a pedra e escondem a mão. Podemos dizer que quem escreveu isso seja verdadeiramente católico?

Ameaças nassistas

Não é um fato menor, que revela por inteiro o protagonista desta história, que o P. Nass, por ocasião da reunião dos bispos, tenha ameaçado Dom Tomás com ir para a FSSPX. E que também, durante a reunião dos bispos, tenha ameaçado fazer um comunicado público de ruptura com Mons. Faure e com Mons. Zendejas.

Que alguém nos traga o exemplo de um santo — fundador ou não — que tenha feito algo semelhante.

Conclusão

Perto do final do descartável libelo, lê-se: "*Ao final deste relatório, uma constatação se impõe com clareza incômoda: nenhum dos detratores do padre Deivid Nass resiste ao simples confronto com os próprios atos, palavras e frutos"*. Pois bem: não foi refutado nenhum dos fatos imputados ao P. Nass e que fizeram parte do dossiê analisado pelos bispos. Nem o próprio P. Nass saiu a defender-se diante deles. Agora passa a defender-se por meio de escritos anônimos? Que baixeza!

O panfleto termina com outra mentira, tentando novamente manipular Dom Tomás: "*Dom Tomás terminou por ceder — não por convicção serena, mas por desgaste — e removeu o padre Deivid Nass, sacrificando-o como moeda de apaziguamento*". Nós estivemos em contato com Dom Tomás e — para além de quais possam ser suas ações — temos sua palavra, que ouvimos dele mesmo: agiu por convicção ao remover o P. Nass e continua pensando o mesmo; e, por respeito a Sua Excelência, não diremos mais.

Por fim, chamamos a atenção para o fato de que, neste fenômeno que hoje afeta a Tradição católica no Brasil, se cruzam ambições pessoais, transtornos psíquicos, além de uma corrente farisaica que serve para erguer essa espécie de seita que está se formando.

Resumamos, então, em que consiste este grave problema: no plano psicológico, Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN); no plano moral, hipocrisia; no plano religioso, farisaísmo.

Mas o farisaísmo nunca afeta um indivíduo isolado; para adquirir a força necessária, precisa convocar uma série de pessoas que tomam corpo em um agrupamento, depois se retroalimentam e erigem uma "fortaleza" a partir da qual corroem a Igreja — neste caso, a Tradição católica do Brasil.

Convém, pois, ter presente isto:

"*Instintivamente, com mais certeza e rapidez do que o galgo fareja a lebre, o fariseu fareja e odeia a religiosidade verdadeira. Ele é o seu contrário, e os contrários se conhecem. Sente com certeza que, se não a matar, ela o matará*" (P. Castellani, *Cristo e os fariseus*).

Ave Maria Puríssima
Sem pecado concebida

P. Flavio Mateos, SAJM
25 de janeiro de 2026, Conversão de São Paulo.